

2

A tradição gramatical

Antes de analisar algumas das realizações dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar*, apresento um resumo das características segundo as quais os compêndios gramaticais classificam os itens lexicais à direita de tais verbos como objeto direto.

2.1

A transitividade na tradição gramatical

As gramáticas tradicionais tratam a *transitividade* do ponto de vista do conteúdo integral do processo verbal. A perspectiva adotada centra-se apenas na complementação à direita do verbo, ficando a transitividade relacionada com a necessidade de um complemento que integre o sentido do verbo à direita (Bechara, 1977, p.204). São chamados de *intransitivos* os verbos que não necessitam de complemento para integrar seu sentido, ou seja, a “ação está integralmente contida na forma verbal”, e de *transitivos* os verbos que exigem determinados termos para completar seu sentido, ou seja, o processo verbal se transmite a outros elementos (Cunha e Cintra, 1985, p.132).

Portanto, para a tradição gramatical, complemento do verbo significa apenas o que vem integrar a transitividade verbal à direita. O sujeito não é considerado um complemento embora seja classificado como um termo essencial da frase. A menção à complementação prende-se ao sentido do verbo. Nessa concepção, o que vem a integrar os verbos transitivos são os objetos diretos, quando sem mediação de preposição e os objetos indiretos, quando mediados por preposição.

Em resumo, as gramáticas tradicionais abordam a transitividade a partir de uma perspectiva dicotômica de presença ou ausência de complementos à direita do

verbo, e a classificação desses complementos em objeto direto ou indireto se dá na razão direta da predicação.

Rocha Lima (2000, p.340-341) é um dos gramáticos tradicionais que aponta o verbo como “a palavra regente por excelência” a partir da qual deverá haver “sempre a verificação da natureza dos complementos por ele exigidos”. Embora considere que o verbo forma uma *expressão semântica* (sic) com seu complemento, de forma que sua presença é indispensável à compreensão do predicado, Lima refere-se tão somente ao verbo e a seus complementos à direita, ou seja, para ele, como também para os demais autores tradicionais, predicado é tudo aquilo que não é sujeito. Essa *expressão semântica* a que o autor se refere é determinada pelo tipo de complemento, isto é, é composta pelo verbo e a presença ou ausência de complemento direto ou indireto. Logo, sua concepção de transitividade também está calcada apenas na necessidade de complementação à direita do verbo.

É interessante observar que a classificação dos verbos apresentada por Lima com base no tipo de complemento que forma a *expressão semântica* expõe uma contradição: o autor classifica de *intransitivos* os verbos que “encerrando em si a noção predicativa, dispensam qualquer complemento” (Idem, p.340). Portanto, se não há complemento, não há formação de *expressão semântica*. Sendo assim, como classificar o verbo “em função do tipo de complemento que requerem para formar a *expressão semântica* ?” (Ibid., p.340).

A definição de transitividade, segundo a tradição gramatical, é recursiva e circular. É recursiva porque sempre se dá da mesma forma repetitiva, isto é, parte do verbo para seu complemento à direita. E é circular porque parte do verbo para o complemento à direita e retorna daí para o verbo. Se o complemento é inexistente, o verbo é intransitivo; se o verbo encerra a noção predicativa e, portanto, não necessita de complementação, o complemento é inexistente. Se o verbo exige a presença de um objeto direto para que seu sentido seja integral, então esse verbo é transitivo direto.

Nessa concepção de transitividade verbal apresentada pela tradição gramatical um outro termo da frase, igualmente essencial, – o sujeito – não é considerado um complemento.

Fatos lingüísticos como os exemplificados abaixo, nos quais observam-se realizações semelhantes do ponto de vista sintático, porém diferentes do ponto de vista semântico, demonstram que há necessidade de se incluir o sujeito na análise, uma vez que ele é previsto pelo verbo para a sua realização sintática e semântica da mesma forma que os demais complementos. O preenchimento do lugar do sujeito para a realização do verbo está no plano da sintaxe, o que resulta em implicações como a concordância, mas ao se levar somente esse plano em conta acabamos com frases como a 3 e a 5 que, do ponto de vista sintático, não apresentam problemas, mas, do ponto de vista semântico, são frases inaceitáveis. Isso quer dizer que são as exigências semânticas do verbo que determinam os traços semânticos do sujeito, da mesma forma que há restrições semânticas para a seleção dos complementos à direita.

- 1) João mediu a mesa.
- 2) O bebê mediu 50 cm ao nascer.
- 3) *O dia mediu a mesa.
- 4) O açougueiro pesou a carne.
- 5) *A beleza pesa o bebê.
- 6) O bebê pesou 50 cm ao nascer.
- 7) A mala pesa.
- 8) A pulseira custou 10.000 reais.
- 9) A reunião durou duas horas.

A partir da perspectiva de que os elementos frásicos que co-ocorrem nas frases 3 e 5, embora possíveis sintaticamente, não realizam frases aceitáveis pelos falantes da língua, surgiu minha motivação de partir do verbo para analisar a frase em sua totalidade, ou seja, identificar quais os traços sintático-semânticos exigidos pelo verbo para o preenchimento dos espaços previstos por ele à direita e à esquerda.

2.2

O objeto direto

Os gramáticos tradicionais selecionados para este estudo, a saber, Evanildo Bechara (1977)¹, Rocha Lima (2000) e Celso Cunha (1985), consideram verbos transitivos aqueles que não contêm integralmente o processo verbal, ou seja, transitam para outros elementos da frase a *ação* expressa por eles, manifestando uma necessidade de complementação do seu conteúdo léxico, exigindo, conseqüentemente, outros termos que lhes completem o significado. Esses termos são considerados complementos por adicionarem informações e se localizarem à direita dos verbos sem mediação de preposição, sendo chamados então de objeto direto.

O objeto direto indica o ser para o qual a *ação verbal* está sendo dirigida, logo, o verbo para ser considerado um verbo transitivo direto deve ser um verbo de *ação* (Celso Cunha, 1985, p.136). Em outras palavras, a designação de verbo transitivo direto está relacionada com a idéia de que o complemento é afetado pela ação verbal e também com a idéia de uma imediata proximidade com o verbo, ou seja, o complemento está localizado à direita do verbo sem mediação de preposição.

Segundo a tradição gramatical, além dessa característica, os verbos transitivos diretos apresentam outros traços que os definem como tal. O primeiro deles diz respeito à possibilidade de apassivização, ou seja, os seus objetos diretos podem ser transformados em sujeitos na voz passiva. O segundo traço está relacionado à cliticização, isto é, à possibilidade de substituição do objeto direto por um pronome átono. Já o terceiro traço identificador dos verbos transitivos diretos se refere à resposta às interrogações com os pronomes *quem* [é que]? (para pessoas) e [o] *que* [é que]? antes da seqüência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*.

Para a tradição gramatical, os verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar* são, segundo alguns autores, transitivos diretos e seus complementos classificados como objetos diretos. De acordo com outros autores, esses mesmos complementos podem ser classificados como adjuntos adverbiais.

¹ A escolha de uma edição anterior à de 2001 deve-se ao fato de que os pontos de vista das edições mais antigas estão mais alinhados com os das demais gramáticas analisadas. No curso do trabalho, retomaremos novos conceitos e posições da edição de 2001, reformulada com relação às anteriores.

Rocha Lima (2000, p.252-253) é o único gramático pós-NGB que trata os complementos pós-verbos *pesar*, *valer*, *custar*, etc. de maneira específica e diferenciada.

De acordo com esse autor, as unidades lexicais que indicam *peso*, *preço*, *distância* no espaço e no tempo são classificadas como *complementos circunstanciais*, ou seja, complementos de natureza adverbial, “tão indispensáveis à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais”. Em outras palavras, os *complementos circunstanciais* são complementos verbais tais como o objeto direto, o objeto indireto, etc.

Os outros dois autores escolhidos, Evanildo Bechara e Celso Cunha, não abordam o assunto em suas gramáticas de 1977 e 1985, respectivamente.

No entanto, Evanildo Bechara, em sua recente gramática de 2001, trata o assunto em questão no sub-item e) **Adjuntos adverbiais de quantidade** do item 1) **Os principais tipos de adjuntos adverbiais**, chamando a atenção para o fato de que as unidades lexicais que designam unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade, que se localizam à direita dos verbos *durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc., quando empregados transitivamente são classificadas de forma diferente por diversos autores (2001, p.439-446).

Segundo Bechara, alguns autores consideram tais “unidades lexicais” como adjuntos adverbiais; outros,

levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes de passiva, da integração com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos.

Ou seja, tais elementos são exigidos pelas características semânticas do verbo, podendo ser substituídos por pronome átono (Idem, p.446).

- | | |
|--|------------------------|
| 10 – O filme durou <i>uma hora</i> . | *O filme durou-a. |
| 11 – O atleta percorreu <i>dez quilômetros</i> . | O atleta percorreu-os. |
| 12 – A criança já pesa <i>vinte quilos</i> . | *A criança já pesa-os. |
| 13 – O viaduto mede <i>duzentos metros</i> . | *O viaduto mede-os. |

É interessante observar que das frases acima, citadas por Bechara, para exemplificar a classificação de objeto direto para as unidades lexicais que acompanham os verbos *durar*, *percorrer*, *pesar* e *medir*, apenas uma pode ser cliticizável, a realizada com o verbo *percorrer*. As demais não podem ser substituídas pelo pronome átono, o que poderia levar a concluir que as unidades lexicais à direita dos verbos são, segundo sua definição, adjuntos adverbiais, uma vez que não podem ser cliticizáveis.

Na análise sobre o assunto, Bechara não se posiciona explicitamente face às unidades lexicais designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade. Porém, quando as insere na seção dos adjuntos adverbiais de quantidade, parece que se alinha com essa classificação.

Vale ainda observar que Bechara também não faz distinção de uso em seus exemplos, ou seja, os verbos *medir* e *pesar* estão sendo realizados apenas em um de seus sentidos, quando sabemos que esses verbos apresentam outros.

Nessa mesma obra, no sub-ítem dedicado ao complemento direto ou objeto direto (p.416-417), Bechara apresenta estratégias para a identificação do objeto direto: comutação pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*; passagem para a voz passiva; a interrogação com os pronomes *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]? antes da seqüência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*; e, finalmente, a topicalização do objeto direto e introdução de um pronome pessoal objetivo onde estava o complemento direto.

No entanto, afirma mais adiante que essas estratégias não são infalíveis pois há predicados complexos na voz ativa que não admitem a apassivização e dá, entre vários exemplos que identifica como não aceitáveis, um exemplo que considera aceitável com o verbo *pesar* na voz passiva.

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| 14 – Eu quis o livro | *O livro foi querido por mim. |
| 15 – Cremos isso | *Isso é crido por nós. |
| 16 – O aluno tem o livro | *O livro é tido pelo aluno. |
| 17 – Os refugiados perderam tudo | *Tudo foi perdido pelos refugiados. |
| 18 – O atleta pesava 60 quilos | 60 quilos eram pesados pelo atleta. |

Nos parágrafos seguintes, o autor observa que a pergunta pertinente à identificação do complemento direto para frases que apresentam verbos que significam medida, peso, preço e tempo não é natural como também não são frequentes as pronominalizações, embora em ambos os casos sejam gramaticalmente possíveis, e exemplifica com as seguintes realizações:

- | | |
|--|-------------------------|
| 19 – O corredor mede cinco metros. | O corredor mede-os. |
| 18 – O atleta pesa sessenta quilos. | O atleta pesa-os. |
| 20 – O novo carro custou trinta mil reais. | O novo carro custou-os. |
| 21 – O filme durou três horas. | O filme durou-as. |

Com relação às perguntas com os pronomes *quem?*, *que?*, o autor não dá exemplos, mas o faz com relação à cliticização, e embora diga que essas frases não são frequentes, ao apresentá-las sem asterisco indica que as considera possíveis e sendo assim os elementos à direita dos verbos acima citados seriam objetos diretos, de acordo com sua explicação de complementação direta.

A partir do exposto acima, pode constatar que as unidades lexicais que se seguem aos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar* são classificadas ora como complementos circunstanciais, ou seja, embora indispensáveis à construção verbal são complementos de natureza adverbial, ora como verdadeiros objetos diretos.

Com base nessa perspectiva, analisarei, segundo as gramáticas tradicionais, o comportamento dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar* e os complementos à direita desses verbos nas suas diferentes realizações, buscando verificar se os traços relativos a verbos transitivos diretos e ao objeto direto estão presentes nas realizações selecionadas.

Dessa forma, este capítulo apresenta:

1) o tratamento que a tradição gramatical dedica, quando o faz, aos complementos à direita dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar*, objeto de estudo desta dissertação.

2) algumas entradas lexicais para cada um dos verbos citados, extraídas do *Novo Aurélio* (1999). Os exemplos das realizações foram retirados do *Novo Aurélio*,

do *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* de Francisco da Silva Borba (1991) e de outras obras pertinentes.

3) identificação de traços relativos ao objeto direto e ao adjunto adverbial e se esses traços estão presentes nos complementos dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar*.

2.3 A tradição gramatical na prática

2.3.1 Os verbos *medir* e *pesar*

Nesta seção será analisado, do ponto de vista da tradição gramatical, somente o comportamento dos verbos *medir* e *pesar*, uma vez que ambos apresentam realizações distintas dos verbos *custar* e *durar*, os quais serão tratados em separado a seguir. A análise desse comportamento visa identificar se os traços de transitividade direta, complemento objeto direto e adjunto adverbial, conceitos da gramática tradicional, podem ser verificados nas realizações aqui apontadas.

No *Novo Aurélio*, o verbo *medir* apresenta, dentre outras, as seguintes entradas lexicais:

- 1 – determinar ou verificar, tendo por base uma escala fixa, a extensão, medida, ou grandeza de; comensurar; ou
- 2 – ter a extensão, comprimento ou altura de.

Apresento abaixo 2 realizações do verbo *medir* e, a seguir, analiso o comportamento desses verbos nessas realizações.

- 22 – O carpinteiro *mediu* a mesa.
- 23 – O bebê *mediu* 50 cm ao nascer.

No *Novo Aurélio* há, entre outras, as seguintes entradas lexicais para o verbo *pesar*:

- 1 – determinar ou avaliar o peso de; pôr na balança para conhecer o peso; abalançar;
ou
2 – ter certo peso.

Apresento abaixo 2 realizações do verbo *pesar* e, a seguir, analiso o comportamento desses verbos nessas realizações.

- 24 – O açougueiro *pesou* a carne.
25 – O bebê *pesou* 3 kg ao nascer.

A partir de agora, passo a verificar se todos os traços dos verbos transitivos diretos e, por conseguinte, do objeto direto, definidos pela tradição gramatical, estão presentes nas realizações acima.

Nas realizações apresentadas para os verbos *medir* e *pesar*, verifiquei que há um elemento frásico posicionado à direita sem mediação de preposição, o que em uma análise apenas estrutural ou formal poderia levar à conclusão de que se trata de um objeto direto.

Um outro traço identificador do objeto direto diz respeito à definição proposta pelas gramáticas tradicionais.

Ser para o qual se dirige a ação verbal (Celso Cunha, 1985, p.136)
O complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal (Rocha Lima, 2000, p.243)
A pessoa ou coisa que recebe a ação verbal (Evanildo Bechara, 1977, p.205).

As definições ora expostas revelam que há uma concordância dos autores com relação ao fato de que deve haver uma ação verbal para que o elemento frásico à direita dos verbos seja considerado um objeto direto.

Mas, e se o verbo não for de ação como no caso de frases como: *Ele sentiu muita dor quando caiu, Eu possuo duas casas.*? Embora essa conceituação seja

inadequada e restritiva e, portanto, não possa servir de base, analisarei sob essa ótica esses exemplos.

Para os exemplos 22 e 24 a definição de objeto direto proposta pela tradição gramatical é aceitável, uma vez que o lexema verbal exprime ação.

Mas, e se o verbo não for de ação como ocorre com os exemplos de número 23 e 25? A classificação de objeto direto não pode ser aplicada ao complemento *50 cm* e *3kg*, uma vez que não há *ação verbal* implícita no lexema verbal *medir* e *pesar* dos exemplos 23 e 25. Ainda assim, é possível classificar esses complementos como objeto direto apenas baseados em sua localização? Deixarei essa pergunta sem resposta por enquanto.

Uma outra definição de objeto direto apresentada nas gramáticas tradicionais selecionadas para este estudo, assim como nos compêndios gramaticais pesquisados, orienta no sentido de que os elementos frásicos imediatamente à direita dos verbos ligados a eles, sem preposição, são complementos que podem ser classificados como objeto direto quando podem ser transformados em sujeito da voz passiva, substituídos por pronome do caso oblíquo, e respondem à interrogação com o pronome *quem* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que] (para coisas) seguido da seqüência sujeito mais verbo.

De fato, os grupos nominais após o verbo *medir* e *pesar* nas realizações abaixo estão ligados aos respectivos verbos sem a mediação de uma preposição. Porém, embora os verbos pareçam ser os mesmos, formalmente falando, a transformação para a voz passiva nem sempre é possível na suas realizações frásicas.

Voz ativa

Voz passiva

22 – O carpinteiro mediu a mesa - A mesa foi medida pelo carpinteiro.

24 – O açougueiro pesou a carne – A carne foi pesada pelo açougueiro.

Observa-se claramente que foi possível transformar os complementos *a mesa* e *a carne* em sujeitos da voz passiva, pois os verbos *medir* e *pesar* estão em sua realização acional, ou seja, *a mesa* e *a carne* recebem a ação dos verbos *medir* e

pesar realizada por sujeitos agentes *O carpinteiro* e *O açougueiro*, o que confirma a possibilidade de apassivação e, portanto, a identificação de um dos traços sintático-semânticos do objeto direto.

No entanto, a frase 23, *O bebê mediu 50 cm ao nascer* e a frase 25 *O bebê pesou 3 kg ao nascer* não passam no teste da passiva, ou seja, ao serem transformadas em voz passiva tornam-se inaceitáveis pelos falantes da língua, conforme ilustrado abaixo:

26 - * 50 cm foram medidos pelo bebê ao nascer.

27 - *3kg são pesados pelo bebê ao nascer.

Em outras palavras, as realizações 23 e 25 apresentam os verbos *medir* e *pesar* em sentidos diferentes dos realizados nos exemplos 22 e 24, resultando na impossibilidade de apassivização, uma vez que, nesses casos, os verbos *medir* e *pesar* não se encontram em sua realização acional. As realizações 23 e 25 não apresentam uma ação direcionada a um ser, logo, não há o traço de *agentividade* no sujeito de ambas as realizações, ou seja, só é viável apassivar os verbos *medir* e *pesar* quando realizados como verbos de *ação* com sujeito *agente* e, nestes casos, eles apresentam objetos diretos.

É interessante chamar a atenção para o fato de que, para a tradição gramatical, um dos sentidos expressos pelo objeto direto é “a pessoa ou coisa que recebe a ação verbal” (Bechara, 1977, p.206). No entanto, a voz passiva nem sempre está presa à ação, pois há verbos que, embora não sejam verbos de ação, podem ser apassiváveis, como é o caso do verbo *esquecer* na seguinte realização:

O menino esqueceu a caderneta. A caderneta foi esquecida pelo menino.

Com relação ao teste de substituição do grupo nominal à direita dos verbos *medir* e *pesar* por pronomes do caso oblíquo, verificamos que apenas as frases 22 e 24 aceitam tal substituição. Vejamos o que ocorre.

22 – O carpinteiro mediu a mesa. O carpinteiro mediu-a.

24 – O açougueiro pesou a carne. O açougueiro pesou-a.

Como nestas realizações há nos verbos *medir* e *pesar* uma *ação* direcionada a uma coisa, ou seja, essas realizações apresentam traços de transitividade direta, a cliticização do grupo nominal à direita é aceitável.

Testarei agora as frases de número 23 e 25 para verificar se passam no teste da cliticização.

28 - *O bebê mediu-o/a ao nascer.

29 - *O bebê pesou-o/a ao nascer.

A cliticização das frases *O bebê mediu 50 cm ao nascer* e *O bebê pesou 3kg ao nascer*, exemplos 28 e 29, são inaceitáveis pois com base em nosso conhecimento de mundo, sabemos que um bebê não tem condições de medir ou pesar o que seja. Em outros termos, o que é necessário para que essas frases sejam aceitáveis é se dizer *quanto o bebê mediu* ou *pesou* ao nascer e esses complementos não podem ser substituídos por pronomes átonos sob pena de se causar prejuízo à sua compreensão.

Se aplicarmos o teste de interrogação com os pronomes propostos para a identificação do objeto direto também se verifica que no caso dos exemplos 22 e 24 a interrogação é possível, porém nos exemplos 23 e 25 essa interrogação não parece ser natural e/ou aceitável pelo falante da língua. Observe:

22 – O carpinteiro mediu a mesa . *O que é que o carpinteiro mediu? A mesa.*

23 – O bebê mediu 50 cm ao nascer. * *O que é que o bebê mediu ao nascer?*
**Quem é que o bebê mediu ao nascer?*

24 – O açougueiro pesou a carne. *O que é que o açougueiro pesou? A carne.*

25 – O bebê pesou 3 kg ao nascer. * *O que é que o bebê pesou ao nascer?*
**Quem é que o bebê pesou ao nascer?*

As frases 23 e 25 só aceitariam a interrogação com o pronome *quanto*. Porém este pronome não introduz a pergunta que tem como resposta o objeto direto.

Pode-se concluir da análise acima que os traços de transitividade direta e o objeto direto, a saber, possibilidade de apassivização, cliticização e interrogação com os pronomes *quem* [é que] para pessoas e [o] *que* [é que] para coisas seguido da seqüência sujeito mais verbo não se manifestam em todas as realizações dos verbos *medir* e *pesar* aqui apresentadas. Em outras palavras, os traços de transitividade direta e complemento objeto direto só são identificáveis nas estruturas onde o verbo *medir* e *pesar* se encontram no campo semântico da ação.

Um fato que se observa é que a maioria dos autores tradicionais ao classificar os verbos *medir* e *pesar* não faz distinção de uso e tampouco leva em conta o sentido no qual o verbo está sendo usado. Essa conduta dá a impressão de que se trata apenas de um único verbo, quando, na realidade, percebe-se que se está diante de grupos semânticos distintos, com comportamentos sintáticos diferentes, ou seja, os verbos *medir* e *pesar* apresentam significados diversos quando realizados como nos exemplos acima, com implicações de ordem sintática e semântica.

O que estou verificando ao analisar tais estruturas é que, embora o verbo seja formalmente o mesmo, identifica-se a existência de semas comuns. No entanto, a *medida* e a *pesagem* fazem parte de dois sentidos diferentes, sendo o relacionamento semântico entre o lexema verbal e seus complementos (inclusive o sujeito) o revelador dessa polissemia.

O grupo de verbos *custar* e *durar* apresenta algumas semelhanças com o grupo dos verbos *medir* e *pesar* acima analisado. Porém, por também apresentar algumas diferenças o tratarei em separado. Vejamos, então, quais são essas semelhanças e essas diferenças, verificando também se todos os traços definidores de transitividade direta e de objeto direto se apresentam nas suas realizações.

2.3.2

Os verbos *custar* e *durar*

Nesta seção estarei analisando o comportamento dos verbos *custar* e *durar* com base nas entradas lexicais encontradas no *Novo Aurélio* e em exemplos retirados do próprio dicionário e de outras obras.

O verbo *custar* apresenta, dentre outras, as seguintes entradas lexicais no *Novo Aurélio*.

1 – ter determinado preço ou valor; ser adquirido por certo preço ou valor;

2 – ser difícil ou doloroso; ou

3 – ter como que o custo, o valor.

Apresento, abaixo, 4 realizações do verbo *custar* e, a seguir, analiso o comportamento desses verbos nas mesmas.

30 – A pulseira	<i>custou</i>	10.000 reais
31 – A viagem	<i>custou</i>	uma verdadeira fortuna.
32 – Este diploma meu pai.	<i>custou</i>	um grande sacrifício a
33 – Seu gosto pela velocidade	<i>custou</i>	-lhe a vida.

Outro verbo que se apresenta de forma sintática semelhante aos demais verbos apresentados neste estudo é o verbo *durar*.

No *Novo Aurélio*, dentre outras, me deparei com as seguintes entradas lexicais:

1 – ter duração; continuar a existir; prolongar-se; ou

2 – persistir, perdurar.

Apresento abaixo 2 realizações do verbo *durar* e, a seguir, analiso o comportamento desses verbos nessas realizações.

34 – A excursão *durou* seis semanas.

35 – O discurso *dura* mais de duas horas.

Ao analisar a estrutura sintática das frases 30 a 35 acima, verifica-se que os verbos *custar* e *durar* parecem apresentar uma estrutura semelhante às dos verbos *medir* e *pesar*, no que diz respeito à sua realização formal.

Aparentemente, pode-se identificar um elemento frásico posicionado à esquerda e um à direita desses verbos, o que, numa análise mais descuidada levaria a acreditar que esse termo posicionado à direita do verbo *custar* e *durar* seria um *objeto direto* por sua proximidade desses verbos sem mediação de preposição. Porém, para que se possa afirmar que tal elemento frásico pode ser identificado como tal, devemos fazer os testes que comprovem essa afirmação, buscando identificar se os traços de objeto direto estão presentes nas realizações aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, pode-se identificar, nos exemplos acima, que os verbos *custar* e *durar* não se realizam como verbos de *ação*. Esta afirmação pode ser comprovada pelo fato de que os termos posicionados à direita não apresentam os traços necessários de paciente da ação exercida pelo elemento frásico posicionado à esquerda. Em outras palavras, não há uma ação em exercício nas realizações dos verbos *custar* e *durar*, o que já seria suficiente para afirmar que esses verbos não são verbos transitivos diretos, usando a nomenclatura tradicional, e que, conseqüentemente, os elementos à direita deles não podem ser considerados objetos diretos.

Mesmo assim, vamos aplicar o teste de apassivização para verificar e ratificar o acima exposto.

36 - * 10.000 reais foram custados pela pulseira.

37 - *Uma verdadeira fortuna foi custada pela viagem.

38 - * Um grande sacrifício foi custado a meu pai por este diploma.

39 - * A vida foi-lhe custada pelo seu gosto pela velocidade.

40 - * Seis semanas foram duradas pela excursão.

41 - *Mais de duas horas foram duradas pelo discurso.

A primeira impossibilidade para apassivação do verbo *custar* e *durar* já foi esclarecida acima, isto é, o fato desses verbos não se realizarem como verbos de ação os impedem da transformação passiva.

Há também um outro fator determinante que impossibilita a apassivação dos verbos *custar* e *durar*: o fato do elemento à esquerda desses verbos não poder ocupar o lugar de sujeito da passiva. Em outras palavras, na maior parte das vezes, esse termo à direita é expresso por nome designativo de preço, valor ou por outro com a mesma carga semântica de valor o que, de certa forma, limita a possibilidade dele ocupar a posição de sujeito na realização passiva desses verbos.

O teste da cliticização também oferece a oportunidade de verificar a impossibilidade de classificar o elemento à direita dos verbos *custar* e *durar* como objeto direto, uma vez que as frases ao serem substituídas pelo pronome oblíquo são inaceitáveis pelos falantes da língua, pois não apresentam sentido completo, ou seja, há a necessidade de se dizer explicitamente *o quanto custou* ou *o quanto durou* uma determinada coisa ou situação.

Os exemplos abaixo ilustram o exposto acima:

42 - *A pulseira custou-a.

43 - *A viagem custou-a.

44 - *Este diploma custou-o.

45 - *Seu gosto pela velocidade custou-a.

46 - *A excursão dura-a.

47 - *O discurso dura-a.

O último teste é o da interrogação com perguntas iniciadas pelos pronomes interrogativos *quem* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que] (para coisas) seguido do sujeito mais o verbo e tem o intuito de obter como resposta o objeto direto.

- 48 - **Que é que* a pulseira custou?
 49 - **Que é que* a viagem custou?
 50 - **Que é que* este diploma custou?
 51 - **Que é que* seu gosto pela velocidade custou?
 52 - *? O *que é* que a excursão durou?
 53 - *? O *que é* que o discurso durou?

O resultado do teste de interrogação esclarece a impossibilidade apontada anteriormente, ou seja, a pergunta para a obtenção do objeto direto não é aceitável pelos falantes.

Com relação aos exemplos 48 a 51 do verbo *custar*, a pergunta aceitável para esse tipo de realização seria com o pronome interrogativo *quanto* seguido do verbo mais o sujeito, como abaixo:

- 54 – *Quanto* custou a pulseira? R\$ 10.000,00.
 55 – *Quanto* custou a viagem? Uma verdadeira fortuna.
 56 – *Quanto* custou este diploma? Um grande sacrifício a meu pai.
 57 – *Quanto* custou-lhe seu gosto pela velocidade? A vida.

Com relação aos exemplos 52 e 53 do verbo *durar*, também se verifica que ao aplicar o teste da interrogação para a verificação dos traços de objeto direto no elemento à direita desse verbo, constata-se a inexistência de tais traços, uma vez que essa pergunta é inaceitável.

A formulação apropriada das perguntas seria:

- 58 – *Quanto tempo* durou a excursão? Seis semanas.
 59 – *Quanto tempo* durou o discurso? Mais de duas horas.

No teste da interrogação, o verbo *durar* só aceita a formulação com o pronome interrogativo *quanto* acrescido do substantivo *tempo* para que se possa alcançar uma resposta aceitável pelos falantes. No entanto, como é do nosso

conhecimento, a interrogação com o pronome *quanto* não é a interrogação pertinente para o caso da identificação do objeto direto.

2.4 O adjunto adverbial

As gramáticas tradicionais definem adjunto adverbial da seguinte forma:

É uma expressão que denota uma *circunstância* adverbial em referência ao verbo, adjetivo ou especifica ou individua um nome ou pronome (Bechara, 1977, p.211).

É, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma *circunstância* do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio (Cunha e Cintra, 1985, p.147).

É o termo que acompanha o verbo, exprimindo as particularidades que cercam ou precisam o fato por este indicado (Lima, 2000, p.257).

Para a tradição gramatical os advérbios são palavras que modificam os verbos, ou seja, essas palavras denotam uma determinada circunstância verbal na qual se desenvolve o processo verbal (Lima, 2000, p.174). Classifica-se, então, como adjunto adverbial o termo que exprime as particularidades do fato indicado pelo verbo.

Bechara (1977, p.207 e 212) faz uma distinção entre advérbios “que funcionam como *complementos*” considerando-os essenciais e, os “que funcionam como *adjuntos*” considerando-os acidentais à estruturação oracional. No entanto, seus exemplos são com os verbos *ir* e *voltar* onde seus complementos são parte integrante do predicado. Não há menção aos verbos aqui analisados.

No caso dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar*, pode-se afirmar que não há uma correspondência entre o conceito de adjunto adverbial postulado pelas gramáticas tradicionais e o comportamento lingüístico dos elementos frásicos à direita desses verbos. Em outras palavras, esses verbos não estão relacionados a circunstâncias de natureza alguma.

Uma outra definição atribuída aos adjuntos é a de que são modificadores ligados a uma base da qual dependem e da qual podem ser desligados sem causar

nenhuma alteração sintática na frase. Essa característica dos adjuntos adverbiais de serem constituintes facultativos, ou seja, estruturalmente dispensáveis à frase, é mais uma das razões que me leva a afirmar que os complementos pós-verbos de medida não são adjuntos adverbiais, pois ao aplicar o teste da omissão, verifiquei que as frases ficam incompletas.

Uma outra característica dos adjuntos adverbiais seria a que contempla a possibilidade deles poderem ser deslocados para a posição inicial na frase. Vejamos, então, em primeiro lugar, o teste da omissão no elemento frásico à direita dos verbos e, em seguida, o teste de deslocamento:

60 - *O carpinteiro *mediu*.

61 - *O bebê *mediu* ao nascer.

62 - * O açougueiro *pesou*.

63 -* O bebê *pesou* ao nascer.

64 - *A pulseira *custou*.

65 - *A excursão *durou*.

Analisemos agora o deslocamento dos elementos frásicos da direita do verbo para o início da frase.

66 – *?A mesa, o carpinteiro *mediu*.

67 – *50 cm, o bebê *mediu* ao nascer.

68 - *?A carne, o açougueiro *pesou*.

69 - *3kg, o bebê *pesou* ao nascer.

70 - *10.000 reais, a pulseira *custou*.

71 - *Uma verdadeira fortuna, a viagem *custou*.

72 - *Um grande sacrifício a meu pai, este diploma *custou*.

73 - *?A vida, seu gosto pela velocidade *custou-lhe*.

74 - *Seis semanas, a excursão *durou*.

75 - *Mais de duas horas, o discurso *durou*.

Como é de fácil verificação, os complementos acima analisados não gozam de liberdade de colocação na frase, como tampouco podem ser omitidos. Tudo indica que as características sintático-semânticas dos verbos objeto de estudo desta dissertação impedem a liberdade de posicionamento desses complementos.

2.5

Algumas considerações preliminares

Nas definições fornecidas pelas gramáticas tradicionais verifica-se, de certa forma, uma tendência a fazer uso de definições ora sintáticas, ora semânticas. Contudo, quando colocados em prática, somente os critérios de base sintática são levados em conta, a saber, a posição do complemento, sua proximidade do verbo sem mediação de preposição, possibilidade de apassivização, interrogação com pronome *quem* e *que* e a substituição por pronome átono ou cliticização. A parte semântica fica restrita apenas ao conceito de ação dos verbos.

No entanto, esses critérios não foram identificáveis em algumas das realizações aqui analisadas, em especial nas realizações não-acionais. Somente encontramos como traço de objeto direto a posição à direita e a proximidade do complemento sem mediação de preposição, traços esses insuficientes para uma classificação de objeto direto para os termos complementadores de algumas das realizações dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar*.

Em vista das razões que se apresentaram durante a análise das frases com realizações destes verbos, impossibilitando classificá-los ora como objetos diretos ora como adjuntos adverbiais, proponho, então, uma análise baseada em relações sintático-semânticas estabelecidas pelos verbos aqui estudados, assim como também proponho que se faça uma descrição dos traços sintático-semânticos dos elementos frásicos localizados à esquerda e à direita desses verbos, tentando descrever os fatos da língua.

Quando chamo a atenção para o fato de que há uma relação de ordem sintática mas, sobretudo, semântica entre os termos que se posicionam à direita e à esquerda de

tais verbos, estou enfatizando a importância de um para com o outro na realização frásica.

Esta análise visa descrever o que acontece somente na realização não acional dos verbos *medir*, *pesar*, *custar* e *durar*, uma vez que a questão me parece carecer de uma análise mais lógica e mais coerente com os fatos da língua.

Como já foi anunciado na Introdução, limitei o campo de estudo para identificar com um pouco mais de profundidade as relações que se estabelecem entre todos os elementos que compõem a frase.